

«Lazarus Nürnberger e os Descobrimentos Portugueses»

por *Jürgen Pohle*

(Universidade Atlântica;

CHAM/ Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores)

[Comunicação proferida no âmbito do *VIII Encontro Luso-Alemão (8. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch)*, 18.-20.9.2008, Universidade de Aveiro (18.9.2008, às 11h00)]

Abstract:

Lazarus Nürnberger deslocou-se, na função de agente comercial da casa dos Hirschvogel de Nuremberga, em 1517, para Lisboa e no mesmo ano, a bordo de uma frota portuguesa, para a Índia. Desta viagem deixou um relato precioso que comprova que esteve incumbido de observar os mercados e a situação política no espaço do Oceano Índico. Poucos anos depois estabeleceu-se em Sevilha, onde efectuou uma carreira profissional cheia de sucesso, que fez dele um dos comerciantes mais conceituados da Península Ibérica. Esteve integrado numa rede comercial, que se estendia da Costa do Malabar no Oriente, ao México e ao Peru no Ocidente, tornando-se, assim, um autêntico *globalplayer* numa época, que alguns historiadores designam como a era da primeira globalização.

A expansão marítima portuguesa despertou, desde cedo, o interesse alemão pelos descobrimentos geográficos no Ultramar e contribuiu, assim, decisivamente para um aumento notável das relações políticas, económicas e culturais entre Portugal e o Sacro Império Romano-Germânico (Pohle, 2007b: 61-62).¹ Sabe-se que vários alemães, já no século XV, entraram em contacto com o espaço colonial português. Encontramos entre estes aventureiros alguns nobres, mercenários e mercadores como, por exemplo, Martin Behaim, essa figura tão conhecida e tão polémica da História dos Descobrimentos (Pohle, 2007a).

Após a abertura da Rota do Cabo, ou seja, da rota marítima para a Índia, por Vasco da Gama, chegaram, nas décadas seguintes, as cobiçadas riquezas do espaço asiático a Portugal. Foram, sobretudo, as especiarias orientais que atraíram os mercadores

¹ Sobre a História das relações luso-alemãs na época dos Descobrimentos Portugueses em geral, vd. Ehrhardt (1989) e Pohle (2000).

estrangeiros. Assim, não é de estranhar que várias casas comerciais da Alta Alemanha se estabelecessem em Lisboa no início do século XVI, onde ergueram feitorias e receberam da coroa portuguesa privilégios vantajosos que incluíram também a possibilidade de participar directamente nas expedições ultramarinas (Amaral, 1965: 22 e 31).² Deste modo, encontramos alguns representantes destas casas comerciais de Nuremberga e de Augsburgo nas viagens marítimas portuguesas para a Índia.³ De quase todos estes viajantes alemães conhecemos pouco mais do que os seus nomes, por vezes nem isso. Apenas nalguns casos conhecemos melhor a identidade destas pessoas, como é o caso de Lazarus Nürnberger. Tratava-se de um mercador oriundo da Alta Alemanha, que viajou aos 17 ou 18 anos para Portugal e, logo a seguir, para a Índia. Poucos anos depois estabeleceu-se em Sevilha, onde efectuou uma carreira profissional cheia de sucesso, que fez dele um dos comerciantes mais conceituados e mais ricos daquela cidade que era, nesta altura, um dos grandes centros económicos do mundo.⁴ Negociou com jóias, ouro, açúcar e até com escravos e tornou-se um dos grandes especialistas no comércio de pérolas, sendo fornecedor da corte imperial. Vendeu produtos destinados ao Novo Mundo como, por exemplo, armas e participou na armação das frotas espanholas. Deu créditos e abriu com a sua influência a América aos Welser. Ele próprio possuiu pelo menos dois navios, que foram utilizados no comércio transatlântico. Obteve sociedade numa mina de prata no México, explorou minas de cobre em Cuba e estendeu os seus negócios até ao Vice-Reino do Peru. Segundo Rolf Walter, que investiga a história dos mercadores da Alta Alemanha em Sevilha e no Novo Mundo no século XVI, Lazarus Nürnberger esteve pessoalmente no México e, provavelmente, em Santo Domingo (Kellenbenz / Walter, 2001: 22). Teve os seus próprios

² Sobre as relações económicas entre Portugal e a Alta Alemanha no século XVI, vd. Kellenbenz (1960, 1990, 1991) e Pohle (2000: 97-188, 255-268).

³ Relativamente às participações alemãs nas viagens dos Portugueses à Índia no primeiro quartel do século XVI, vd. Ehrhardt (1989: 25-100), Kellenbenz (1989; 1991: 82-89).

⁴ Sobre as actividades de Lazarus Nürnberger em Sevilla, vd. Otte (1963/64), Walter (1992: 47-51, 108-109, 127; 2006), Kellenbenz / Walter (eds.) (2001: 18-29, 63). Nesta última obra citada encontram-se também as principais fontes.

fatores no espaço colonial espanhol, mas também agentes comerciais na Índia e em Lisboa, mantendo de Sevilha ligações com Portugal (Kömmerling-Fitzler, 1967/68: 176, nota 177).⁵ Temos, portanto, de ver o seu desempenho no contexto geral da participação alemã na expansão ibérica. Nürnberger foi, sem dúvida, na primeira metade do século XVI uma das figuras mais brilhantes entre os alemães envolvidos em negócios com Portugal e Espanha, seja na Península Ibérica, seja no Ultramar.⁶

Seguidamente gostaríamos de iluminar um aspecto particular da biografia de Lazarus Nürnberger, um aspecto que está relacionado com a fase inaugural, que o levou a essa carreira estupenda, ou seja, a fase em que Lazarus Nürnberger passou por terras portuguesas. Desta maneira, queremos focar a questão: qual o papel de Lazarus Nürnberger na História das relações luso-alemãs e no âmbito dos Descobrimentos Portugueses?

Avancemos por ordem cronológica. Lazarus Nürnberger nasceu por volta de 1499⁷ em Neustadt an der Aisch, uma pequena vila na Alta Alemanha, que fica a uma distância de pouco mais do que 30 km de Nuremberga. O seu pai, Heinrich Nürnberger, era um alto funcionário administrativo do Markgraf von Ansbach, portanto um homem com um prestígio social considerável (Schaper, 1970: 185). Desconhecemos pormenores dos primeiros anos da vida de Lazarus Nürnberger, sabemos apenas que estava ligado à casa comercial dos Hirschvogel, pelo menos desde 1514, ou seja, quando tinha uma idade que

⁵ Um exemplo é Marcus Hartmann, que representou Lazarus Nürnberger em Lisboa nos anos 30 do século XVI.

⁶ Sobre a presença dos mercadores da Alta Alemanha na Península Ibérica nos séculos XV e XVI, vd. Kellenbenz (1967, 1970) e Walter (2002).

⁷ Sobre a data de nascimento de Nürnberger, vd. Otte (1963/64: 134, nota 34) e Schaper (1973: 243). – Marion Ehrhardt (1989: 30) apresentou algumas dúvidas sobre a transmissão correcta desta data, não tendo, porém, conseguido prová-lo. Cf. Pohle (2000: 197-198).

rondava os 15 anos.⁸ Esta firma de Nuremberga já se encontrava em contacto com o mundo económico português há décadas.⁹ Os Hirschvogel pertenciam ao grupo das primeiras casas comerciais da Alta Alemanha, que se estabeleceram no início do século XVI em Lisboa, mantendo aí feitorias e participando directamente, com os seus próprios agentes comerciais, nas viagens portuguesas à Índia.¹⁰ Investiram, por exemplo, na expedição que foi para a Índia, em 1505, sob o comando de Francisco de Almeida, como membro de um consórcio composto por investidores alemães e italianos, que incluiu também os Welser e os Fugger (Häbler, 1903; Hümmerich, 1922). As empresas da Alta Alemanha, estabelecidas em Lisboa, desempenharam um papel fundamental como fornecedoras de metais e financiadoras da coroa portuguesa. Estas eram, a par dos mercadores-banqueiros italianos, os parceiros comerciais mais relevantes da monarquia portuguesa.¹¹

Foi ao serviço dos Hirschvogel que Lazarus Nürnberger viajou, em Janeiro de 1517, via Antuérpia para Lisboa. No início de Abril do mesmo ano já o encontramos a bordo da nau *Santiago*. Sabemos que esta nau, comandada por Manuel de Lacerda, era uma das cinco embarcações da frota da Índia de António de Saldanha. Durante a sua viagem Lazarus Nürnberger fez alguns apontamentos, que enviou posteriormente numa

⁸ Sobre as ligações de Lazarus Nürnberger à casa comercial dos Hirschvogel, vd. sobretudo os estudos de Christa Schaper (1970: 184-185, 191-192; 1973: 223-225, 230-231, 243-245, 281). Cf. também Kömmerling-Fitzler (1967/68: 141-146) e Imhoff (1989).

⁹ O já anteriormente mencionado Martin Behaim, que se tinha deslocado, em 1484, para Lisboa, foi provavelmente o primeiro agente comercial dos Hirschvogel em Portugal. É de constatar que existiram laços familiares e comerciais muito íntimos entre os Hirschvogel e os Behaim. Também encontramos Wolf Behaim, o irmão mais novo de Martin, durante muitos anos ao serviço dos Hirschvogel, representando esta casa comercial como feitor na capital portuguesa antes da morte dos dois irmãos em 1507.

¹⁰ Sobre as actividades dos Hirschvogel em Portugal e as viagens dos seus agentes comerciais à Índia, vd. Kömmerling-Fitzler (1967/68) e Pohle (2000: 131-134, 209-227).

¹¹ A importância dos mercadores alemães reflecte-se, sobretudo, nos privilégios que lhes foram concedidos pela coroa portuguesa no século XVI. O denominado “Privilégio dos Alemães”, editado por Jean Denucé em 1909, era o conjunto de privilégios mais vantajoso e, conseqüentemente, mais cobiçado pelos comerciantes estrangeiros estabelecidos em Portugal.

carta para o humanista Willibald Pirckheimer.¹² Com base neste documento, a viagem de Nürnberger deixa-se reconstruir da seguinte maneira (*Codex Bratislavensis*, fls. 180-187, *apud* Krása *et al.*, 1986: 62-70):

Passando a ilha da Madeira a frota fez, em meados de Abril, uma primeira escala na ilha de Gran Canária para abastecer e fazer algumas reparações nos navios. No dia 22 desse mesmo mês, a frota iniciou a sua longa volta pelo Atlântico do Sul e dobrou o Cabo da Boa Esperança em finais de Julho, chegando um mês mais tarde à ilha de Moçambique, onde fez outra escala, antes de partir daí para a costa ocidental da Índia. A *Santiago*¹³ alcançou a cidade de Goa no dia 1 de Outubro, terminando, assim, uma viagem que demorou aproximadamente meio ano. Lazarus Nürnberger permaneceu em Goa durante as primeiras semanas da sua estada no subcontinente indiano. A seguir visitou Batalalá no reino hindu de Bisnaga¹⁴ e as feitorias-fortalezas portuguesas em Cananor, Calicut e Cochim na Costa do Malabar. O jovem alemão, que deve ter feito esta viagem com a missão de observar os diversos mercados na Índia, menciona na sua carta as principais mercadorias que encontrou nos locais pelos quais passou¹⁵ e informou Pirckheimer, que era um dos conselheiros do Imperador Carlos V, acerca do cenário político no espaço do Oceano Índico. Nürnberger deve ter ficado muito impressionado com aquilo que viu. O jovem agente comercial revelou-se um observador muito crítico do domínio colonial e das práticas políticas dos Portugueses na Ásia. Existia, na sua perspectiva, naquela altura um

¹² A carta é datada de 1 de Dezembro de 1519. Este documento faz parte de uma colectânea de manuscritos sobre a História dos Descobrimentos (de finais do século XV ao fim da segunda década do século XVI) e foi encontrado, nos anos 60 do século passado, em Bratislava, pelo que se tornou habitual designá-lo como o “Manuscrito de Bratislava (Lyc. 515/8)” ou, simplesmente, *Codex Bratislavensis*. Vd. *infra*, nota 25. – Anne Kroell publicou, em 1980, o texto da carta de Lazarus Nürnberger, proferindo também uma tradução em francês. Em 1986, Miloslav Krása, Josef Polišínský e Peter Ratkoš editaram todo o manuscrito e juntaram à sua obra uma tradução inglesa e de dois documentos, um deles a referida carta de Nürnberger, uma tradução portuguesa. Sobre a descrição da viagem de Lazarus Nürnberger à Índia, vd. também Kellenbenz (1989: 615-617) e Pohle (2000: 211-215).

¹³ No documento: *S. Agno grandi*.

¹⁴ Este reino no interior da Índia é também conhecido por Narsinga. A sua capital, Vijayanâgara, era um dos maiores centros asiáticos para o comércio de diamantes e outras pedras preciosas.

¹⁵ O autor mencionou, por exemplo, o açúcar da Madeira e das ilhas Canárias, o gengibre e a prata das Comores, pimenta e outras especiarias da Costa do Malabar, panos, pedras preciosas e pérolas, que tinha visto no reino de Bisnaga e os cereais dos Açores.

«[...] *ser boss regiment in India untter den Portugaleseren*» (apud Krása et al., 1986: 68), ou seja, um regime muito mau na Índia sob o governo dos Portugueses. Na sua opinião, a hegemonia portuguesa no Índico passava por uma fase muito precária, quer na Índia, quer em Malaca.

Awch sollt ir wissen, das die Portugaleser gross nodt leyden in Mylaca awss ursach, das gantz landtvolck wider sie ist und wo der konig von Portugal nit ain gross summa volcks dahin sendt, wirt das mit sambdt India dem konig von Portugal genomen werden. Gott fuge all dingk zum bestenn! Also das warlich itz gantz India und Mylaca ser ubel versehen ist von den Portugaleseren. (apud Krása et al., 1986: 68)

[Também deveis saber que, em Malaca, os portugueses estão em apuros, porque o povo de todo o país está contra eles, e se o rei português não lhes mandar um grande número de homens armados, Malaca junto com a Índia, será tirada ao rei português. Que Deus volte todas as coisas para melhor! Assim, toda a Índia e Malaca são muito mal administradas pelos portugueses. (Krása et al., 1986: 146)]

Nürnberger constatou, que os Indianos, apesar da sua enorme supremacia numérica, tinham tanto medo dos Portugueses, que não sabiam como reagir contra este regime de terror. Segundo o autor, a permanência dos Portugueses no Índico encontrava-se seriamente ameaçada e a consolidação do império colonial português dependia do apoio militar de aliados. Fazia parte destas potências amigas do rei de Portugal o reino de Cochim.

In disen treyen konigreychen [Bisnaga, Cananor, Calicut (J.P.)] vermag ytlicher ob 200.000 edellewt inn krigk. Also das die Portugaleser anders nichts haben, dann die gnade Gotts. Wer sonst nit muglich, das sie India alein mochten erhallten. Dann wann nit mer, dann ytlicher Indianer ain sandt kornlein nemen, sollten die Portugaleser all zuedecken. Aber die forcht ist so gross untter den Indianeren, das sie nit wissen, was sie thuen sollen.

Von Calakuth bin ich gefaren nach der stat Cuchin. Ist ain konikgreych, dae hellt der konighof. Ist gut portugalesisch. Da hat der konigk von Portugal ain schloss und ob 300 hewser, ydoch schlecht dingk. Hier wechst die spetzerey und whar, als in Calakuth. Dise stadt leyt 48 meyl von Calakut. Die Portugaleser haben kainn besseren frewndt in gantz India, dann den konig von Cuchin. Ist auf ir seyten. Doch vermag diser konigk nit ob 60.000 man inss felt. Ist das clainst konigreych, so in gantz India ist. (apud Krása et al., 1986: 69)

[Realmente, nestes três reinos [Bisnaga, Cananor e Calicut (J.P.)] é possível mandar à guerra uns 200.000 fidalgos, de maneira que os portugueses não têm aqui outra coisa de que a ajuda de Deus. De outro modo, não é possível que os portugueses sozinhos mantenham a Índia, porque se cada indiano tomasse um grão de areia, poderiam cobrir os portugueses com areia, mas há tanto medo entre os indianos que não sabem o que fazer.

De Calecut parti para a cidade de Cochim, é também um reino, o rei tem aqui a corte, tem simpatia para com os portugueses, o rei de Portugal tem cá um castelo e umas 300 casas, mas em mau estado. Crescem aqui especiarias e mercadorias como em Calecut, esta cidade fica a 48 léguas de Calecut. Os portugueses não têm melhor amigo em toda a Índia do que o rei de Cochim, que está ao lado deles, porém, este rei não pode mandar para o campo mais de 60.000 homens. É o reino mais pequeno de toda a Índia. (Krása et al., 1986: 146)]

Além do testemunho acerca do decurso da sua viagem encontramos, nesta carta de Lazarus Nürnberger, também informações sobre acontecimentos históricos a que ele próprio não assistiu, mas que lhe foram apenas relatados como, por exemplo, algumas operações militares dos Portugueses no Índico Ocidental, que tinham acontecido nos meses antes da sua chegada à Índia.

Depois de uma estada de aproximadamente três meses e meio na Índia, Lazarus Nürnberger partiu de Cochim, no dia 12 de Janeiro de 1518, para voltar para a Europa. Ele não menciona o nome da embarcação em que fez a viagem de regresso, mas, pelo seu

relato, temos conhecimento da rota que o navio percorreu, com as escalas e as respectivas datas. O documento termina com a indicação que a frota esteve nos Açores de 6 a 9 de Junho. Não sabemos ao certo quando é que Lazarus Nürnberger chegou a Lisboa, mas em Julho de 1518 já aí se encontrava (Schaper, 1970: 196, nota 75).¹⁶ Ainda em 1518 Nürnberger foi enviado pelos Hirschvogel para Sevilha, de onde regressou à Alemanha. Os seus patrões esperavam-no em Nuremberga antes da Páscoa de 1519 (Schaper, 1973: 244).¹⁷ Nürnberger permaneceu alguns meses na Alta Alemanha e hospedou na sua casa, em Bamberg, o filho de Martin Behaim, que nesta altura se encontrava junto do ramo alemão da família (Kömmerling-Fitzler, 1967/68: 145).¹⁸

Já no início de 1520 encontramos Nürnberger outra vez em Lisboa (Schaper, 1973: 244). Tinha, à partida, a intenção de participar uma vez mais numa expedição marítima portuguesa, mas em finais de Março, o feitor dos Hirschvogel em Lisboa, Jörg Pock, informou numa carta, que o seu colega já não viajaria para a Índia nesse ano, talvez no próximo, se se arranjasse um contrato vantajoso com o rei de Portugal.¹⁹ Não sabemos, porém, se Lazarus Nürnberger esteve pessoalmente envolvido em mais alguma viagem ao espaço colonial português. Mas é provado que os seus contactos comerciais com Lisboa e com as colónias portuguesas permaneceram vivos.²⁰

¹⁶ O regresso de Nürnberger é documentado numa carta de Michael Behaim para Jörg Pock (Nuremberga, 12.11.1518) que se encontra no Stadtarchiv Nürnberg [E 11 / II. FA Behaim, Nr. 582,1]. Vd. Ghillany (1853: Urkunde XVI).

¹⁷ Stadtarchiv Nürnberg, E 11 / II. FA Behaim, Nr. 582,3 (carta de Michael Behaim para Jörg Pock, Nuremberga, 16.12.1518). Cf. também Pohle (2000: 214, notas 828 e 829).

¹⁸ Como Martin Behaim júnior não falava alemão, Nürnberger serviu-lhe de intérprete. Sobre Martin Behaim júnior e a sua estada na Alta Alemanha, vd. Ghillany (1853: Urkunde XIII-XXIII).

¹⁹ «*Auch wist das Lasarus Nurmberger dies iarr nit ferdt aber das ander iarr mocht er faren wo im der konig ein gutte pardida auff thon wollt vnmnd itzund nach ostern würdt er nach Sibia zihen [...]*» (Stadtarchiv Nürnberg, E 11 / II. FA Behaim, Nr. 582,13, *apud* Ghillany, 1853: Urkunde XXI) [Também deveis saber que Lazarus Nürnberger não viaja este ano [para a Índia (J.P.)], mas quer ir no próximo, se o rei lhe conceder um bom contrato, e agora, depois da Páscoa, deslocar-se-á para Sevilha [...]].

²⁰ Vd. *supra*, nota 5.

Em Abril de 1520 Nürnberger dirigiu-se a Sevilha (Schaper, 1973: 230), cidade que tanto influenciou o seu destino até à sua morte.²¹ Provavelmente chegou ao Guadalquivir ainda na qualidade de agente comercial dos Hirschvogel, mas já nos anos seguintes encontramo-lo a fazer negócios para outras firmas e também por conta própria. Casou-se com a filha do famoso tipógrafo e mercador Jakob Cromberger, que já há muitos anos se tinha estabelecido em Sevilha.²²

Os motivos que influenciaram a decisão de Nürnberger de trocar Lisboa por Sevilha devem ter a ver com a deslocação gradual do comércio mundial para Sevilha. Em consequência disso os negócios, que os alto-alemães efectuaram com a coroa portuguesa em Lisboa, diminuíram consideravelmente nos anos 20 do século XVI. Precisamente em 1520, o feitor dos Hirschvogel em Lisboa, Jörg Pock, constatou numa carta dirigida a Michael Behaim em Nuremberga, que o comércio na capital portuguesa estava a diminuir, enquanto aumentava em Sevilha.²³ Encontramos, a partir da terceira década do século XVI, vários agentes comerciais da Alta Alemanha na Andaluzia que tinham trabalhado anteriormente na capital portuguesa. De facto, a cidade do Guadalquivir tirou os maiores proveitos dos progressos da política colonial espanhola no Novo Mundo. Esta política recebeu impulsos importantes, dos quais destacamos (Pohle, 2007b: 68):

- a) as conquistas na América Central e na América do Sul;
- b) a expedição de uma frota espanhola comandada por Fernão de Magalhães, que conduziu à primeira circum-navegação da Terra e à “questão das Molucas”;
- c) a eleição imperial de Carlos V, que protegeu a política colonial espanhola, favorecendo a contribuição alemã nas empresas marítimas de Espanha.

²¹ Em 1564, supostamente pouco antes da sua morte, Lazarus Nürnberger fez o seu testamento, que revela todo o seu sucesso económico, deixando aos seus herdeiros uma verdadeira fortuna, que incluía também uma quantia notável em pedras preciosas (Kellenbenz / Walter, 2001: 29).

²² Sobre as ligações entre Lazarus Nürnberger e os Cromberger, vd. *supra*, nota 4.

²³ Stadtarchiv Nürnberg, E 11 / II. FA Behaim, Nr. 582,13.

Lazarus Nürnberger entrou na História das relações luso-alemãs, não apenas devido às suas actividades comerciais em Lisboa e à sua viagem à Índia, mas também pela colecção e divulgação de fontes escritas acerca da expansão marítima portuguesa. É de referir a existência de um manuscrito, que contém vários documentos que Lazarus Nürnberger recolheu, entre estes a já referida carta a Willibald Pirckheimer em que Nürnberger conta a sua viagem à Índia. Josef Polišíenský e Peter Ratkoš (1964: 59) identificaram este valioso manuscrito, o denominado *Codex Bratislavensis*²⁴, como um fragmento do *Memoria-puch* [livro de memórias] ou *Memorialpüchlein* (Krása *et al.*, 1986: 7) de Lazarus Nürnberger que foi mencionado, no início dos anos 30 do século XVI, em actas do tribunal em Sevilha.²⁵ Alguns textos desta compilação são de extrema importância para o conhecimento da participação alemã nos Descobrimentos Portugueses. Nos fólios 173-175 encontra-se um relato de um alemão anónimo, que acompanhou a frota de Vasco da Gama em 1502, sendo assim, provavelmente, o primeiro viajante do Sacro Império Romano-Germânico à Índia.²⁶ Há alguns indícios que apontam para que este viajante tivesse tido ligação com o comércio de Nuremberga (Pohle, 2000: 190-199). O texto seguinte (fls. 175-176, *apud* Krása *et al.*, 1986: 47-48) contém informações adicionais sobre a segunda viagem de Vasco da Gama à Índia. Seguem-se nos fólios 176-179v. (*apud* Krása *et al.*, 1986: 48-62) indicações detalhadas sobre as distâncias entre diversos locais

²⁴ Vd. *supra*, nota 12.

²⁵ Infelizmente ficaram conservados apenas os fólios 167-190 deste “livro de memórias” que, supostamente, deve ter sido, na sua forma original, uma cópia de uma colectânea avultada de textos relacionados com a cosmografia e os descobrimentos geográficos. Relativamente ao fragmento que se encontrou em Bratislava, trata-se de um conjunto de vários textos precisamente sobre estas questões. Alguns documentos são redigidos em latim, outros em alemão, mas todos por uma mão, possivelmente a de Lazarus Nürnberger, cujo nome é o único que aparece *expressis verbis* como autor de um dos textos do *Codex Bratislavensis*.

²⁶ Este documento foi publicado primeiro por Polišíenský / Ratkoš (1964: 61-67) e depois por Krása *et al.* (1986: 43-46). Esta última obra mencionada contém também uma tradução portuguesa do texto (135-139), tal como o estudo de Ehrhardt (1989: 41-54). Um outro manuscrito, também de um autor anónimo, encontrado por Christiane von Rohr (1939) em Vienna, prova que houve pelo menos mais um viajante alemão que acompanhou a frota da Índia em 1502/03. Cf. Polišíenský / Ratkoš (1964: 55-58), Krása *et al.* (1986: 24-36), Ehrhardt (1989: 55-70).

situados nas costas do Atlântico e do Índico e a importância económica de vários sítios na África Oriental e na Ásia, sobretudo dos produtos que aí se comercializavam. O texto, que se baseia no relato de um alemão anónimo que viajou para a Índia em 1503/04²⁷, deixa claramente transparecer o grande interesse do autor por questões comerciais, mas também geográficas e históricas relacionadas com os Descobrimentos Portugueses. É fornecida, no fim deste texto, ainda uma breve cronologia das expedições portuguesas à Índia entre 1497 e 1509, que completa as informações da fonte original.²⁸ Destaca-se aqui uma referência às participações alemãs na armação de duas frotas.²⁹ – O fragmento do *Codex Bratislavensis* termina com três textos (fls. 187v.-190) sobre a expansão marítima espanhola, assunto este que marcou a vida de Lazarus Nürnberger a partir de 1520.

Concluindo: o papel de Lazarus Nürnberger na História dos Descobrimentos apresenta-se tão interessante e invulgar, porque este alemão pertenceu às poucas personagens que estiveram pessoalmente envolvidas nos mercados e espaços económicos das duas Índias, das Índias Ocidentais e das Índias Orientais. Esteve integrado numa rede comercial, que se estendia de Goa e da Costa do Malabar no Este, ao México e ao Peru no Oeste, com Lisboa e Sevilha no centro (Walter, 2006: 13).

No presente, e quando tanto se gosta de empregar o termo “globalização”, olhando para a biografia deste alemão, oriundo da pequena vila de Neustadt an der Aisch, reconhecemos um autêntico *globalplayer* e um dos grandes protagonistas de uma época, que alguns historiadores designam como a era da primeira globalização.

²⁷ Esta fonte foi encontrada em Leutkirch e publicada por Karl-Otto Müller (1934: 201-213). M. Ehrhardt (1989: 75-91) traduziu-a para português. Na tentativa de identificar o relator anónimo não há dúvida que se trata de uma pessoa ligada ao comércio das empresas da Alta Alemanha. Também neste caso as pistas nos conduzem à cidade de Nuremberga e, em particular, à família dos Holzschuher. Mostramos (2000: 199-204) que pode ter sido Peter Holzschuher, que morreu na Índia em 1504, o autor do “Manuscrito de Leutkirch”.

²⁸ A cronologia do “Manuscrito de Leutkirch” abrange apenas as viagens dos anos 1497-1500/01.

²⁹ O autor menciona as empresas alemãs que tinham investido nas expedições de 1505/06 (nomeadamente os Welser, Fugger, Imhoff, Höchstetter, Gossembrot e Hirschvogel) e de 1506/07 (os Welser e os Imhoff).

Referências bibliográficas / Bibliographische Angaben:

Amaral, Maria Valentina Cotta do (1965), *Privilégios de Mercadores estrangeiros no Reinado de D. João III*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

Denucé, Jean (1909), «Privilèges commerciaux accordés par les rois de Portugal aux Flamands et aux Allemands (XVe et XVIe siècles)», *Arquivo Historico Portuguez*, 7, 310-319 e 377-392.

Ehrhardt, Marion (1989), *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto Editora.

Ghillany, F. W. (1853), *Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim nach den ältesten vorhandenen Urkunden bearbeitet*, Nürnberg, Bauer und Raspe.

Häbler, Konrad (1903), *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld.

Hümmerich, Franz (1922), *Die erste deutsche Handelsfahrt nach Indien 1505/06. Ein Unternehmen der Welser, Fugger und anderer Augsburger sowie Nürnberger Häuser*, München / Berlin, Oldenbourg.

Imhoff, Christoph Freiherr von (1989), *Berühmte Nürnberger aus neun Jahrhunderten*, Nürnberg, Verlag Nürnberger Presse [2ªed.].

Kellenbenz, Hermann (1960), «Os Mercadores alemães de Lisboa por volta de 1530», *Revista Portuguesa de História*, 9, 125-140.

- (1967), »Die Beziehungen Nürnbergs zur Iberischen Halbinsel, besonders im 15. und in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts«, *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte Nürnbergs*, 1, 456-493.

- (1970), »Die fremden Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel vom 15. Jahrhundert bis zum Ende des 16. Jahrhunderts«, in: Hermann Kellenbenz (ed.), 265-376.

- (1989), «The Portuguese Discoveries and the Italian and German Initiatives in the Indian Trade in the first two Decades on the 16th Century», in: *Congresso internacional «Bartolomeu Dias e a sua época»*. Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto, 609-623.

- (1990), «The Herwarts of Augsburg and their Indian Trade during the first half of the Sixteenth Century», in: K. S. Mathew (ed.), *Studies of Maritime History*, Pondicherry, Pondicherry University, 69-83.

- (1991), »Neues zum oberdeutschen Ostindienhandel, insbesondere der Herwart in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts«, in: Pankraz Fried (ed.), *Forschungen zur schwäbischen Geschichte*, Sigmaringen, Thorbecke, 81-96 (Schwäbische Forschungsgemeinschaft und Schwäbische Forschungsstelle Augsburg der Kommission für bayerische Landesgeschichte bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 7/4).

- (ed.) (1970), *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel*, Köln / Wien, Böhlau.
- / Rolf Walter (eds.) (2001), *Oberdeutsche Kaufleute in Sevilla und Cadiz (1525-1560); eine Edition von Notariatsakten aus den dortigen Archiven*, eingeleitet von Rolf Walter, Stuttgart, Steiner (Deutsche Handelsakten des Mittelalters und der Neuzeit; 21).
- Kömmerling-Fitzler, Hedwig (1967/68), »Der Nürnberger Kaufmann Georg Pock († 1528/29) in Portugiesisch-Indien und im Edelsteinland Vijayanagara«, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, 55, 137-184.
- Krásá, Miloslav / Josef Polišenský / Peter Ratkoš (eds.) (1986), *European Expansion 1494-1519. The Voyages of Discovery in the Bratislava Manuscript Lyc. 515/8 (Codex Bratislavensis)*, Prague, Charles University.
- Kroell, Anne (1980), «Le voyage de Lazarus Nürnberger en Inde (1517-1518)», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41, 59-87.
- Müller, Karl Otto (1934), *Welthandelsbräuche (1480-1540)*, Stuttgart / Berlin, Deutsche Verl.-Anstalt (Deutsche Handelsakten des Mittelalters und der Neuzeit; 5).
- Otte, Enrique (1963/64), »Jakob und Hans Cromberger und Lazarus Nürnberger, die Begründer des deutschen Amerikahandels«, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, 52, 129-162.
- Pohle, Jürgen (2000), *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster / Hamburg / London, Lit-Verlag (Historia profana et ecclesiastica; 2).
- (2007a), *Martin Behaim (Martinho da Boémia): Factos, Lendas e Controvérsias*, Coimbra, Imprensa de Coimbra (cadernos do cieq; 26).
- (2007b), «As Relações luso-alemãs no Reinado de D. Manuel I (1495-1521)», in: *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários*, coord. e prefácio de Maria Manuela Gouveia Delille, vol. I, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos/MinervaCoimbra, 61-74.
- Polišenský, Josef / Peter Ratkoš (1964), »Eine neue Quelle zur zweiten Indienfahrt Vasco da Gamas«, *Historica*, 9, 53-67.
- Rohr, Christiane von (1939), *Neue Quellen zur zweiten Indienfahrt Vasco da Gamas*, Leipzig, Koehler.
- Schaper, Christa (1970), »Die Hirschvogel von Nürnberg und ihre Faktoren in Lissabon und Sevilla«, in: Hermann Kellenbenz (ed.), 176-196.
- (1973), *Die Hirschvogel von Nürnberg und ihr Handelshaus*, Nürnberg, Verein für Geschichte der Stadt Nürnberg (Nürnberger Forschungen; 18).
- Walter, Rolf (1992), *Der Traum vom Eldorado: Die deutsche Conquista in Venezuela im 16. Jahrhundert*, München, Eberhard (Schriften zu Lateinamerika; 3).

- (2002), »Fremde Kaufleute in Sevilla im 16. Jahrhundert«, in: Rainer Gömmel / Markus A. Denzel (eds.), *Weltwirtschaft und Wirtschaftsordnung. Festschrift für Jürgen Schneider zum 65. Geburtstag*, Stuttgart, Steiner, 45-56 (VSWG-Beihefte; 159).

- (2006), «High-finance interrelated. International Consortiums in the commercial world of the 16th century» (Paper presented at Session 37 of the XIV International Economic History Congress, Helsinki, 21-25 August 2006), 1-16,
[http:// www.helsinki.fi/iehc2006/papers1/Walter.pdf](http://www.helsinki.fi/iehc2006/papers1/Walter.pdf)

Werner, Theodor Gustav (1967), »Die Beteiligung der Nürnberger Welser und Augsburger Fugger an der Eroberung des Rio de la Plata und der Gründung von Buenos Aires«, *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte Nürnbergs*, 1, 494-592.